

O PRESIDENTE NEGRO, O OLHAR LOBATIANO SOBRE O PRESENTE E O FUTURO NA BERLINDAWellington Fioruci¹Aline Marins²**Resumo**

Este estudo apresenta uma abordagem estilístico-ideológica da linguagem de Monteiro Lobato no romance *O presidente negro*, visando a uma compreensão mais ampla de sua poética no que diz respeito à intenção do autor em relatar determinados aspectos temáticos presentes na sociedade brasileira. Analisa também, sob a perspectiva de um escritor pré-moderno, o interesse do autor em conhecer a cultura estadunidense de forma a servir como modelo sociopolítico para o desenvolvimento do país.

Palavras-Chave: Romance; Monteiro Lobato; Preconceito racial.

O PRESIDENTE NEGRO, LOBATO'S VIEW ABOUT THE PRESENT AND FUTURE IN THE SPOTLIGHT**Abstract**

This study presents a stylistic and ideological approach to Monteiro Lobato's language in the novel *O presidente negro*, aiming at a broader understanding of his poetic about the author's intention to report certain thematic aspects present in Brazilian society. Analisa também, sob a perspectiva de um escritor pré-moderno, o interesse do autor em conhecer a cultura estadunidense de forma a servir como modelo sociopolítico para o desenvolvimento do país. This article also analyzes, from the perspective of a pre-modern writer, the interest of this author refers to United States culture to use it as a sociopolitical model for the development of his own country.

Keywords: Novel; Racial Prejudice; Monteiro Lobato.

Preâmbulo

Já vêm de alguns anos as polêmicas sobre o escritor Monteiro Lobato e, conseqüentemente, uma crescente intervenção sobre sua obra. Os motivos não são poucos, dada a trajetória de vida “acidentada” desse inveterado intérprete do Brasil, para dizer o mínimo, trajetória esta que pode ser sintetizada na expressão aguçada e concisa de Marisa Lajolo (2006, p. 83): “A sintonia de Monteiro Lobato com seu tempo foi, como

¹ Graduada em Licenciatura em Letras Português-Inglês pela UTFPR - Pato Branco, com pós-graduação em Redação e Oratória pela Faculdade São Luís – Jaboticabal/SP. Atua como redatora plena no segmento de marketing. alimarins@hotmail.com

² Doutor em Literatura comparada pela UNESP/Assis, com estágio pós-doutoral pela UFRGS. Docente do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) na UTFPR - Pato Branco. fioruci@professores.utfpr.edu.br

se disse, difícil e dolorosa”. É inegável que o pensamento lobatiano flertou com teorias racistas tão propaladas em sua época, com efeito, interditar sua produção, à guisa dos cancelamentos tão frequentes nos tempos que correm, é perder a oportunidade de se debruçar sobre não apenas um autor relevante e complexo, mas também sobre o difícil passado deste país e, assim, propiciar com essas leituras uma problematização que traga mais luz sobre tais aspectos.

O escritor paulista, nascido nos estertores do período imperial e educado no seio da República, nunca se furtou a se manifestar seja qual fosse o tema. Apaixonado pelas ideias, fez a defesa de alguns princípios louváveis, como a campanha a favor da nacionalização do ferro e do petróleo, assim como da universalização da educação e do acesso aos livros. No campo artístico, escorregou nalgumas posições quanto ao modernismo, comprovada por sua postura visceral equivocada na crítica à exposição de pintura de Anita Malfatti, ainda que ao longo do tempo sua crítica tenha sido parcialmente mal avaliada (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997), ao passo que na literatura soube esquivar-se dos sorrisos paternalistas de Afrânio Peixoto e Coelho Neto frente à sociedade. Foi, contudo, na questão antropológica a esfera em que enveredou por caminhos obscuros e infames, na medida em que demonstrou apreço pelas teorias raciais e racistas, como ficou revelado na troca de correspondências com o médico e sanitarista baiano Arthur Neiva, adepto de pensamentos de eugenia (apud LEAL, 2020).

Abordar a escrita e o pensamento de um autor deve significar ir além de um retrato, um instantâneo, que capta de forma isolada e congela sua imagem. Lobato, a exemplo de tantos outros autores, não está limitado a um texto ou a um momento. Se analisado no movimento que corresponde à sua trajetória de vida e intelectual, é possível ter uma versão mais completa e compreensível do autor em sua metamorfose, como se pode depreender da sua análise do caipira, ou do Jeca, como ficou eternizada essa personagem brasileira nos textos lobatianos. Num primeiro momento, sua abordagem é bastante preconceituosa e, em vez de atacar as condições sociais nas quais esse sujeito vivia, o autor culpava a vítima do sistema. Mais tarde, essa visão vai sofrendo abalos e a figura do caipira ganha novos contornos, ao passo que a sociedade, bem como o sistema escravagista e patriarcal brasileiro, passam a receber as devidas críticas, invertendo-se a lógica da abordagem. Assim, de Jeca Tatu a Zé Brasil, Lobato parte de uma ótica reducionista, atribuindo à indolência do caboclo o seu atraso, avançando, mais tarde, para

uma visão crítica, que vai da saúde pública a aspectos fundiários de posse da terra. O arco dessa transformação termina com o pedido de desculpas ao maltratado Jeca e, conseqüentemente, a conciliação rumo à coerência.

De forma correlata, a verve polemista e sarcástica do autor é capaz de criar contos humanizadores como “Negrinha”, uma denúncia à mentalidade escravocrata da classe senhorial, um conto que, para alguns críticos, “põe por terra a ideia de um Monteiro Lobato racista” (CAMARGOS; SACCHETTA, 2008, p. 12). É importante insistir que não se pode julgar toda uma vida e uma obra pela leitura isolada de textos. O conto em questão certamente não apaga o passado do escritor, tampouco anula outros textos em que o preconceito fica evidenciado. Contudo, tais observações servem para asseverar a tese de que é preciso levar em conta um quadro amplo para avaliar a produção de um escritor.

A relação deste autor com seu tempo está, em alguma medida, bem representada pela ambivalência que cultivou com os modernistas e seu ímpeto vanguardista, talhada por muitas controvérsias, porém também alimentada por diálogos e aproximações que ao longo da história foram sendo corretamente resgatados “Mesmo sem ter participado diretamente do movimento, Monteiro Lobato jamais perdeu contato com os modernistas, cujas obras, aliás, ele mesmo publicara” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 175). No arguto livro de Marcos Augusto Gonçalves sobre o Modernismo e os modernistas, *1922: A semana que não terminou* (2012), Lobato ocupa posição de relevância, dadas suas evidentes preocupações com o avanço do país: “Monteiro Lobato sonhava transformar o Brasil em uma nação próspera cujo povo pudesse desfrutar os benefícios gerados pelo progresso e desenvolvimento. [...] Para Lobato, o atraso do país só seria superado pelo trabalho racional e aposta na modernização” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 205).

As posições ambivalentes do autor, com efeito, o colocam numa relação conflituosa com o grupo dos modernistas, angariando a antipatia declarada de Mario de Andrade, conhecido como o “Papa do Modernismo brasileiro”. Segundo Bosi (2006, p. 216): “Lobato sentiria a vida toda, em nome do bom senso e da razão [...], total repulsa pelos ‘ismos’ que definiram as grandes aventuras e as grandes conquistas da arte novecentista: futurismo, cubismo, expressionismo, surrealismo, abstracionismo...”.

As polêmicas envolvendo Monteiro Lobato e sua poética interessam a este artigo, que dedicará especial atenção a uma de suas obras menos conhecidas pelo público em geral, assim como uma das menos visitadas pela crítica especializada, o romance *O presidente negro* (1926), publicado em forma de folhetim no jornal carioca *A Manhã*. Esse texto *sui generis* de Lobato, posto que um romance escrito para o público adulto e que se utiliza da ficção científica, revela muito do olhar lobatiano, cuja poética é “dinamite pura” (SANTIAGO, 2006, p. 274), ao melhor estilo nietzschiano, e que constitui, quando analisado com a devida distância do tempo, um exemplar problemático das ideias que insistiam em ser consideradas científicas, mas que revelavam preconceitos e distorções. Esse filho de Taubaté e neto de um Visconde, sem dúvida personagem de seu tempo, diante daquele Brasil derrapante: “escutou como bisbilhoteiro, anotou como antropólogo, escreveu e remendou como ficcionista, burilou e publicou em letra de forma para virar escritor” (SANTIAGO, 2006, p. 274). Entretanto, nesse processo, não se pode descartar as generalizações e interpretações frágeis de nossa realidade que a voz autoral encarna como “dublê de médico, de sanitarista, de biólogo, de pregador bíblico e de economista” (SANTIAGO, 2006, p. 274).

Lobato, um artista na corda bamba

Em 1926, nas proximidades de seu embarque a Nova Iorque, onde estava destinado ao cargo de adido comercial, Lobato publica no jornal carioca *A Manhã*, como mencionado anteriormente, seu livro *O choque das raças*, com o subtítulo de *Romance americano do ano de 2228*. Este é o único romance adulto do autor. Foi escrito inicialmente em forma de folhetim e posteriormente reunido em livro. De caráter bastante problemático, Lobato discute o preconceito racial e práticas eugenistas como meio de se atingir uma “utopia” social.

A narrativa ficcional foi escrita de acordo com a visão lobatiana do público estadunidense, pois o escritor já visava a sua publicação nos Estados Unidos, país pelo qual nutria admiração no tocante à industrialização. Frustrando suas expectativas em fundar uma editora (Tupy Publishing Company) com o sucesso esperado do livro, Lobato teve sua obra recusada pelo perfil considerado excessivamente preconceituoso. Em razão

disso, escreveu uma carta ao amigo Godofredo Rangel em 05 de novembro de 1927, relatando o motivo do fracasso de seu empreendimento.

Meu romance não encontra editor. Falhou a Tupy Company. Acharno ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, cometer a sangue frio o belo crime que sugeri. Errei vindo cá tão verde. Devia ter vindo no tempo em que linchavam negros. Os originais estão com Isaac Goldberg para ver se há arranjo. Adeus, Tupy Company (GLEYRE apud DIAS, 2010, p. 21).

Apesar de impactante, há uma observação a ser considerada a respeito da ambiguidade nos textos de Lobato. De acordo com o poeta e escritor Gerson Valle (apud CARVALHO; FACHIN, 2008), todo texto lobatiano é bastante dialético e se escreve “com [o] olho no mundo, e uma incansável imaginação que o faz mudar palavras, usar de contos de fadas, unindo ingredientes aparentemente contraditórios”. Ainda sobre o fragmento, Valle acrescenta como justificativa ao período em que Lobato o escreveu:

uma irresistível tendência ao que então chamavam de “blague”, como esta de dizer que seria melhor compreendido pelos norte-americanos quando linchavam negros. Tal tipo de “gozação” (moderna forma de falar “blague”) era típica de sua inteligência dialética (LOBATO apud CARVALHO; FACHIN, 2008).

O enredo do romance *O presidente negro* é relativamente simples. O protagonista é Ayrton Lobo, que sofre um acidente ao volante de seu automóvel, na estrada Rio-Petrópolis. Ele é socorrido por um cientista, Dr. Benson, que vive recluso com sua filha, Jane, em um castelo. Ayrton descobre que o cientista inventou uma máquina fantástica, o porviroscópio, capaz de prever o futuro. Desse modo, observando o futuro, descobrem que no ano de 2228, ano da eleição do 88º presidente dos Estados Unidos, um negro será eleito, Jim Roy. Eis a essência da narrativa em poucas linhas.

Monteiro Lobato, influenciado pelas leituras de Nietzsche e outros humanistas, defende a ideia de que o homem é livre e responsável por melhorar o mundo, retratando o homem humanista como um ser essencialmente bom, ainda que amiúde contrarie sua própria concepção ideológica e, de forma pessimista, construa personagens opressoras e naturalmente propícias ao mal, tendência que confirma a ambiguidade ideológica-discursiva do escritor. Assim, em obras como *O presidente negro* temos acesso a uma narrativa onde esse mal é exercido por um projeto político, encarnado na figura do presidente Kerlog, representante da elite branca e adversário político do carismático líder

negro Jim Roy. A personagem de Miss Jane, contudo, ao narrar sobre o futuro permitido pelo uso do porviroscópio, não tem essa mesma leitura. Um exemplo é a passagem em que conta a Ayrton o que havia acontecido nos EUA após a promulgação de uma lei conhecida como “Código da Raça”:

Desapareceram os peludos — os surdosmudos, os aleijados, os loucos, os morféticos, os histéricos, os criminosos natos, os fanáticos, os gramáticos, os místicos, os retóricos, os vigaristas, os corruptores de donzelas, as prostitutas, a legião inteira de mal-formados no físico e no moral, causadores de todas as perturbações da sociedade humana (LOBATO, 1979, p. 76).

A ironia ácida do autor fica clara nesse excerto, ao colocar no mesmo patamar criminosos e gramáticos, por exemplo. Entretanto, chama a atenção a aproximação entre má-formação moral e física, uma perigosa associação bastante comum no começo do século XX e que bebe claramente em teses racistas pautadas em pseudociência. A personagem de Miss Jane acredita que é pelo conhecimento que os homens se diferenciam uns dos outros e, nesse sentido, a industrialização e o progresso não combinam com a mestiçagem racial. Esse era o perigo de tais teses eugenistas, confirmadas mais tarde durante os eventos da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, isto é, o uso da ciência como ferramenta de segregação e mesmo extermínio. É necessário ao leitor contemporâneo criticidade para compreender o quão problemática é a voz dessa narradora e analisá-la com o devido distanciamento.

Detendo-se ainda na questão da ciência e da visão lobatiana sobre o progresso, vale a pena explorar um pouco mais essa perspectiva:

A crença e a descrença no homem serão traços fundamentais da obra de Lobato, demonstrados por meio das personagens de *O presidente negro*. Essa caracterização é efetuada por meio do estabelecimento de um paradoxo entre o homem sábio e o homem comum; por meio da ciência, aquele consegue criar e pensar o mundo de forma racional e este apenas contempla as realizações proporcionadas pelos que detêm o conhecimento e a sabedoria. A metáfora da pedra filosofal é utilizada para representar a utopia do ser humano, ou seja, o homem deveria ser submetido a um trabalho de mutação interior, transformando-se de um estado inferior para um estado superior (DIAS, 2010, p. 45).

Em termos políticos e sociais, está sempre presente na poética lobatiana um jogo dialético entre progresso e atraso, daí a admiração do autor pela cultura estadunidense.

Não se pode negar o nacionalismo de Monteiro Lobato, atento às profundas mazelas do país, embora nem sempre acerte no diagnóstico.

Quando exalta a livre iniciativa no parâmetro da economia norte-americana, visa o desenvolvimento nacional, preocupado com nossas diferenças sociais. Tanto isto é verdade, que, com toda sua admiração pelos Estados Unidos, no final de vida escreve verdadeiros panfletos para os comícios do Partido Comunista. Sua preocupação é com o bem-estar do povo brasileiro (VALLE apud CARVALHO; FACHIN, 2008).

Preocupado com o desenvolvimento nacional, olha para a cultura estrangeira (no caso aqui a estadunidense) não com finalidades de reproduzi-la no Brasil, porém visando às transformações necessárias ao país para que haja uma melhor condição de vida para os brasileiros. Na campanha do ferro e do petróleo, Lobato defendia a nacionalização e a exploração dessas riquezas, em detrimento de interesses estrangeiros, como dos próprios estadunidenses, como corroborado pelas cartas enviadas ao presidente Getúlio Vargas (LOBATO, 1970), assim como a campanha de denúncia que empreenderia e que o levaria à prisão.

No entanto, ao longo de seu percurso intelectual, muitas vezes o autor levou em consideração princípios altamente condenáveis, muito em voga naquela época. Mesmo sendo um nacionalista aguerrido, tinha completa repulsa pelo Brasil bestial e primitivo, a seu ver, produto da mistura étnica. De acordo com Gonçalves (2012, p. 92), Lobato “[...] considerava que os brasileiros, excetuando-se os ‘bugres puros’, tinham duas mães – ‘a mestiça simplória’ e a ‘mãe de criação’, que era a Europa.” Assim, fica em evidência a diferença cultural que o escritor defendia; se no Brasil havia intelectuais e gente interessada em fazer o país se desenvolver, isto era devido à herança europeia legada aos que ainda mantinham a pureza do sangue, como podemos constatar no fragmento abaixo extraído do romance *O presidente negro*.

que é a América, senão a feliz zona que desde o início atraiu os elementos mais eugênicos das melhores raças europeias? Onde a força vital da raça branca, se não lá? Já a origem do americano entusiasmo. Os primeiros colonos, quais foram eles? A gente do Mayflower, quem era ela? Homens de tal têmpera, caracteres tão shakespearianos, que entre abjurar das convicções e emigrar para o deserto, para a terra vazia e selvagem onde tudo era inhospitalidade e dureza, não vacilaram um segundo (LOBATO, 1979, p. 68).

No entanto, reforçando a dimensão contraditória do autor, vale lembrar que ele admirava escritores negros como Machado de Assis e Lima Barreto, que considerava exceções num país inculto, assim como criticava a afetação da elite e seu francesismo (GONÇALVES, 2012, p. 92). Sobre Lima Barreto, afiançou o então proprietário da primeira editora nacional “oposto dos medalhões e perobas, e sem ‘toilette gramatical’” (LOBATO apud SCHWARCZ, 2017, p. 378).

O romance *O presidente negro* está estruturado em torno de uma dicotomia temporal carregada de pressupostos ideológicos, em que o futuro é representado pelos EUA e o presente pelo Brasil. Podemos interpretar este dialogismo de tempo e espaço como uma percepção satírica de Lobato, posto que se refere ao atraso brasileiro em relação ao estadunidense, incluindo-se nessa visão erros e acertos de interpretação. O autor acerta em avaliar o atraso de nossas instituições e de nosso desenvolvimento econômico e social, mas erra na escolha de argumentos de caráter racial, que acabam por implodir sua leitura e transformar o romance num libelo contra a miscigenação e um elogio ao apartheid:

estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu suas admiráveis físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável peora de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças dispares. Caráter racial é uma cristalização que às lentas se vai operando através dos séculos. O cruzamento perturba essa cristalização, liquefa-la, torna-a instável. A nossa solução deu mau resultado (LOBATO, 1979, p. 70).

Miss Jane elogia na sequência a solução encontrada pelo governo dos EUA, ao cristalizar o conflito entre as populações branca e negra por meio de uma absurda “barreira de ódio”: “O amor matou no Brasil a possibilidade de uma suprema expressão biológica. O ódio criou na América a glória do eugenismo humano...” (LOBATO, 1979, p. 71).

Segundo Dias (2010, p. 43), “A maior inspiração de Lobato foi, sem dúvida, a obra *Uma utopia moderna* (1905), do autor inglês H.G. Wells [...]. Em carta enviada ao amigo Rangel, Lobato afirmou que seu romance futurista seria escrito à Wells”. A invenção capaz de mostrar o futuro, o já mencionado ‘porviroscópio’, segue na linha de *A máquina do tempo*, projetando uma sociedade no ano de 2228. Seguindo na referência de Dias, o romance coloca “em prova muitas questões de ordem social, política,

econômica, tecnológica e, também, questões ligadas às transformações que o conhecimento, principalmente o científico, pode proporcionar a um país”.

Em certa medida, mesmo incorrendo em algum nível de exagero, pode-se dizer que o romance apresenta uma linguagem inventiva no tocante à sua fabulação sobre o futuro, ao imaginá-lo em grande parte próximo da nossa atual realidade. Os trechos seguintes destacam este tipo de linguagem em que Lobato aponta a criação do rádio transporte e que corresponderia nos dias atuais à internet. “Em vez de ir todos os dias o empregado para o escritório e voltar pendurado num bonde que desliza sobre barulhentas rodas de aço, fará ele o seu serviço em casa e o radiará para o escritório. Em suma: trabalhar-se-á à distancia. E acho muito logica esta evolução” (LOBATO, 1979, p. 45). Neste outro: “O serviço, o teatro, o concerto é que passaram a vir ao encontro do homem. Foi espantosa a transformação das condições do mundo quando a maior parte das tarefas industriais e comerciais começou a ser feita de longe pelo radio-transporte” (LOBATO, 1979, p. 95).

Outros acontecimentos narrados por Lobato também podem ser associados à contemporaneidade, como o próprio fato de os Estados Unidos elegerem um presidente negro, a aprovação do voto feminino e a formação de um grupo feminista, assim como a própria tecnologia avançada enunciada pregressamente. Há ainda outros aspectos curiosos e imaginativos que chamam a atenção no desenvolvimento do enredo, porém menos relevantes.

Dando vazão a alguns desses pontos, relativos ao enredo, interessa ressaltar que a candidata feminina, Miss Evelyn Astor, integrante da raça branca, era, segundo a narrativa, possuidora de uma beleza estonteante e de grande inteligência. O romance traz que, graças à vitória da eugenia, a beleza virara regra.

Finas sem magreza, ageis sem macaquice, treinadas de musculos por meio de sabios esportes, conseguiram alcançar a beleza nervosa das eguas puro-sangue — o que trouxe a decadencia do hipismo. Já não necessitavam os homens de dedicar-se aos cavalos para satisfação da ansia secreta da beleza perfeita... (LOBATO, 1979, p. 93-94).

As mulheres portadoras de belos atributos físicos se destacam em cargos de dominação. Miss Evelyn figurava a representação do ideal feminino no futuro fictício, aliava beleza à perspicácia. Entretanto, em relação às mulheres providas de poder, a figura masculina ainda imperava sobre a feminina.

No ano de 2228, segundo antecipa o porviroscópio, a mulher superou o seu estágio de inferioridade política e cultural, o que foi devido às teorias da feminista Miss Elvin – amplamente divulgadas e aceitas pelo público feminino, denominadas agora de “elvinistas”. Segundo ela, a mulher não se constituía na fêmea do homem, pois esta já havia sido repudiada por ele em época remota, porém sua precedência pertencia às sabinas. Em dado momento de seu relato, Jane faz uma comparação do caráter da mulher com a frase shakespeariana de Othello: “She was false as water”, aludindo à sagacidade feminina; mesmo parecendo inofensiva, a mulher pode causar grandes abalos.

Porém, somente os homens de espírito filosófico não se inquietavam com as ideias de dominação feminina. O romance traz que a Filosofia e as Artes estão acima das questões políticas, raciais, de gênero etc. Por outro lado, os demais, em sua maioria, não aceitavam a mulher no poder por sentirem-se humilhados, como também não podiam conceber que um negro ocupasse o cargo da presidência, pois temiam a difusão da raça negra e a conseqüente miscigenação, o que representava um risco à supremacia branca. A esta altura, a problemática da eleição configurava-se em gênero (homens x mulheres).

Todavia, as teorias de Miss Elvin são enfraquecidas por outra concepção. “A cultura como a criara o homem não se adaptava ao cérebro da mulher, de funcionamento especialíssimo e sempre influenciado por certas glandulas misteriosas. Falhou por isso o feminismo” (LOBATO, 1979, p. 86). Neste sentido, o Partido Feminino acaba desistindo da corrida presidencial, permanecendo em suspense quanto ao apoio aos demais candidatos. Porém, a equidade da raça branca entre Miss Evelyn e Kerlog prevalece, o que faz com que as mulheres anunciem filiação ao partido do atual presidente.

Em outra esfera, oposta ao feminismo e ao branco, encontrava-se Jim Roy – “o negro de gênio”, que com sua militância conseguiu reunir de forma integral toda a população negra estadunidense a seu favor. “Jim Roy valia pelo símbolo da força. [...] Não era um indivíduo, Jim. Era a própria raça negra por um milagre de compressão posta inteira dentro de um homem” (LOBATO, 1979, p. 90).

Apesar do reconhecimento da determinação e inteligência de Jim, sua descrição por Miss Jane é associada à força física. “Tinha a figura atlética do senegalês dos nossos tempos, apesar da modificação craniana sofrida por influência do meio. Tal modificação o aproximava do tipo dos antigos aborígenes encontrados por Colombo” (LOBATO, 1979, p. 80).

Desta forma, o negro é constantemente associado à robustez de seu porte físico e à pigmentação da pele, referida pela personagem Miss Jane como um problema, como se constata no fragmento seguinte, quando o processo de branqueamento da pele negra já estava se procedendo na nação.

A ciência havia resolvido o caso de cor pela destruição do pigmento. De modo que se Jim Roy aparecesse diante de nós hoje, surpreenderia da maneira mais desconcertante, visto como esse negro de raça puríssima, sem uma só gota de sangue branco nas veias, era, apesar de ter o cabelo carapinha, horrivelmente esbranquiçado (LOBATO, 1979, p. 80).

A postura de Miss Jane em considerar a pele negra como uma problemática vem ao encontro das concepções ignominiosas raciais disseminadas naquele período histórico, nas quais, como já afirmado, Lobato havia mergulhado.

Retomando a questão das eleições nos EUA, segundo o enredo da obra, Jim Roy justifica seu desejo pela presidência norte-americana devido aos acontecimentos históricos pelos quais seu povo passou, sendo justamente pelo passado oprimido dos negros que Jim se constituía em um ser insubmisso, cuja austeridade era impossível de ser abatida, um aspecto relevante a ser considerado na obra, quase um respiro para o leitor. Ao negar apoio ao partido de Kerlog e de Miss Evelyn, Jim Roy surpreendeu a todos lançando-se como candidato. Miss Jane afirma que “essa legião de fantasmas irrompeu da alma negra como serpes de sob a lage que mão imprudente levanta. E a raça maior que o da mesquinha liberdade física, passou a sonhar o grande sonho branco da dominação...” (LOBATO, 1979, p. 122).

Dada esta consideração pela personagem Jane, cabe ressaltar que novamente é afirmada no romance a supremacia branca como sinônimo de autoridade e de qualificação, também defendida na voz de Kerlog que, após elogiar a inteligência de Jim Roy, deixa com que sua vaidade prevaleça perante sua admiração: “O teu ideal é nobilíssimo, mas a solução de justiça com que sonhas só poderemos responder com a eterna resposta do nosso orgulho: Guerra!” (LOBATO, 1979, p. 125).

Assim, o conflito presidencial passa da rivalidade de gêneros para a oposição racial que sempre perdurou, acentuando ainda mais a dualidade brancos x negros. No entanto, para acalmar os ânimos dos partidos, Kerlog concordou com a proposta de Jim para que fosse feita a divisão do país, porém assegurou ao negro que a afronta seria vingada.

Não fala neste momento o Presidente Kerlog. Fala o branco de crueldade fria, o mesmo que vos arrancou do kraal, o mesmo que vos torturou nos brigues, o mesmo que vos espezinhou nos algodoais. Como ha razões de estado, Jim, ha razões de raça. Razões sobrehumanas, frias como o gelo, crueis como o tigre, duras como o diamante, implacaveis como o fogo. O sangue não raciocina, como os filosofos. O sangue sidera, qual o raio. Como homem admirete, Jim. Vejo em ti o irmão e sinto o genio. Mas como branco só vejo em ti o inimigo a esmagar..." (LOBATO, 1979, p. 124).

Esse fragmento é novamente relevante dado que sintomático, pois permite revelar o caráter não apenas obviamente racista do personagem Kerlog, mas também denuncia o tratamento histórico destinado à população negra nos EUA e em todos os países onde houve o processo de colonização e escravidão. De fato, para além do caráter admirável de Jim Roy e de qualquer princípio racional, Kerlog invoca uma fúria cega, fria, cruel, implacável, que apenas confirma a violência que norteou o sistema escravagista e a exploração da mão de obra africana, asseverada pela sentença de um importante jesuíta, reitor em Luanda no século XVII, ao referir-se ao tráfico negreiro: "Na América, todo escrúpulo é fora de propósito" (apud GOMES, 2019, p. 335).

A vitória de Jim Roy vai se tornando, ao longo do relato, cada vez mais próxima, pois a população negra se constituía em grande parte da nação estadunidense. Com isso, Kerlog tem a necessidade de intervir de alguma maneira para que a supremacia branca permaneça. O cientista John Dudley acaba descobrindo os raios Ômega, que tinham a propriedade de despigmentar a pele negra, tornando-a similar à branca, além de alisar os cabelos dos negros com apenas três aplicações. Por trás desses efeitos, contudo, estava também a esterilização, mantida em sigilo, e que acabaria provocando a extinção da raça negra.

Foi pela ânsia em transformar sua fisionomia e pelo desejo de passar de uma situação de inferioridade para ascender hierarquicamente que a raça negra aderiu integralmente aos raios Ômega, inclusive Jim Roy.

– Mas nem eliminando com os recursos da ciencia o caracteristico essencial da raça deixavam os negros de ser negros na America. Antes agravavam a sua situação social, porque os brancos, orgulhosos da pureza etnica e do privilegio da cor branca ingenita, não lhes podiam perdoar aquela camouflagem da despigmentação (LOBATO, 1979, p. 81).

Constata-se, portanto, que a prática eugênica não foi completamente eficaz. Apesar de a esterilização se cumprir potencialmente, a “inferioridade moral” do negro permanecia no sangue, assim, mesmo despigmentados, os negros nunca foram aceitos entre os brancos.

Sobre esse ponto, pode-se interpretar que o romance toca na questão da falta de autoestima por parte da população negra, que se submete ao procedimento para poder assemelhar-se ao branco. É fato que, devido ao histórico da opressão sofrida, a perda da autoestima seja uma preocupação para as populações de origem africana. Entretanto, contrariando essa tendência, como o romance nos leva a concluir, sempre houve muita resistência e valorização de suas origens por parte desses povos, por isso mesmo foram constantemente atacados em suas idiosincrasias.

É a revalorização da própria etnia do grupo que o faz ver-se como um componente específico dentro da sociedade que o discrimina. Esses valores podem ser reelaboração de um passado cultural ou reivindicações mais atualizadas. A formação desses grupos específicos, numa sociedade competitiva, surge e adquire sua feição, fundamentalmente, do antagonismo entre as classes sociais. Acontece que muitos grupos na nossa sociedade - como é o caso dos negros - situam-se inferiorizados cumulativamente: por uma determinada marca inferiorizadora de acordo com os padrões das classes dominantes e pela situação de inferioridade sócio-econômica que os diferencia perante a sociedade de classes (MOURA, 1983, p. 144).

Após ser o único negro a ter conhecimento dos verdadeiros efeitos do procedimento científico, Jim Roy vai perdendo sua energia e vitalidade. No dia da sua posse como presidente, ele amanheceu morto em seu gabinete, o que levantou a hipótese de suicídio. Com isso, a Convenção da Raça Branca decide irradiar uma mensagem a todas as residências, informando a decisão do Governo americano em fazer uso do que for necessário para que se cumpra a esterilização dos despigmentados.

Tendo em vista esses aspectos do romance, a questão fundamental é que a utopia futurística lobatiana não tem a perspectiva socialista e democrática daquela proposta por Wells e mesmo, muito antes dele, por Thomas More, no século XVI, em sua ilha imaginária. Ao contrário, o futuro projetado no romance funciona como a antessala do que veremos ser efetuado nos regimes fascista e nazista, alguns anos mais tarde, políticas que já estavam em gestação naquele momento em que o autor produz seu romance e que se disseminaram pelo mundo. Ainda que se deva considerar as condições de uma

sociedade que ainda estava se ajustando às condições pro-abolicionistas, é inegável, no tocante às questões raciais, o descompasso de Lobato, no romance em questão, quando confrontado ao pensamento mais progressista.

Para os autores Azevedo, Camargos e Sachetta (1997, p. 205), Lobato visava à “superação das estruturas nacionais arcaicas, nas quais estão incluídas, na sua visão, as raciais, por meio de processos científicos de racionalização”. Neste sentido, a personagem Miss Jane, encarregada de narrar o futuro à personagem Ayrton, relata um verdadeiro “hino à eugenia”, através do qual a nação futurista estadunidense extinguiu a raça negra de seu território.

O direito de reprodução passou a ser regido pelo Código da Raça, o mais alto monumento da sabedoria humana. Só quem apresentasse a série completa de requisitos que a Eugenia impunha — requisitos que assegurassem a perfeita qualidade dos produtos, é que recebia o ministério da Seleção Artificial o brevet de “pai autorizado” (LOBATO, 1979, p. 133).

Cabe ressaltar que, no romance, o objetivo central da eugenia era fazer com que a raça negra desaparecesse, pois esta inquietava os brancos na medida em que um candidato negro à presidência representava uma ameaça à supremacia branca. Assim, é evidente o alinhamento da personagem ao discurso eugenista, já que esta não manifesta qualquer resistência ou crítica a essa constatação, assim como seu interlocutor, Ayrton. Embora tratem-se de criações, tais personagens e seus pensamentos ecoam, naquele contexto, em manifestações do autor, como nesta carta reportada ao amigo Rangel, em abril de 1907, em que Lobato retrata sua indignação com a população paulistana, devido à composição desta ser em grande parte de ascendentes africanos:

Há procissões de pretos e brancos a atravancar as ruas. Nas igrejas, muito consumo de agulhas e fumaças cheirosas, e litânias. Por toda parte, povo - o nosso povo, essa coisa feia, catinguda e suada. Sovacos ambulantes. [...] Rangel, Rangel... Os olhos cansam-se de feiuras semoventes. Que urbs, estas nossas! As casas parecem caixões quadrados; E nem sequer os velhos beiras: inventaram agora o horror da platibanda. Não há mulheres, há macacas e macaquinhas. Não há homens, há macacões. Raro um tipo decente, uma linha que nos leve os olhos, uma cor, uma nota, um tom, uma atitude de beleza - nada que lembre a Grécia. / A Plebe, só ela, com o seu fratas democrático e religioso, a expluir vulgaridade e chateza. Eu vingo-me lendo Nietzsche, lendo Goncourt, lento até Kant e Hartmann (LOBATO apud PORCIÚNCULA, 2014, p. 83).

Não se pode omitir o caráter racista e aviltante desse fragmento, assim como do anterior. Por mais que a ficção possa, em alguma medida, ser interpretada com distanciamento do autor, falta ao romance uma camada discursiva consistente e pertinente que permita ao leitor traçar essa separação ou evidenciar algum nível de ambiguidade que surta um efeito irônico ou crítico. Nesse sentido:

É justificável a análise de *O presidente negro* como um sistema expressivo que, em sua dimensão retórica, evidencia posicionamentos éticos, morais e políticos de Monteiro Lobato. Obviamente, o âmbito estético não pode ser negligenciado em favor de uma caracterização puramente argumentativa do texto e, como veremos adiante, é o manuseio da linguagem por parte do autor que, muitas vezes, dificulta a apreensão inequívoca de suas visões e atribui a passagens do romance um caráter ambíguo. Apesar desse tremor na significação de partes da obra, alguns temas discutidos por Lobato em suas cartas e artigos jornalísticos são claramente identificáveis no romance (PAVLOSKI, 2020, p. 9).

Efetivamente, raros são os momentos em que o romance dá uma guinada rumo a uma interpretação humanizadora, com vistas a provocar a reflexão e antagonizar as ideias eugenistas, como no trecho, ao final do relato de Miss Jane a respeito do choque das raças, em que se observa a comoção de Ayrton pelo fim do povo negro: “O desfecho do drama racial da America comoveu-me profundamente. Não ter futuro, acabar... Que torturante a sensação dessa massa de cem milhões de criaturas assim amputadas do seu porvir!” (LOBATO, 1979, p. 170). Contudo, logo em seguida Ayrton reverte seu pensamento, considerando o lado positivo que isso representaria para a raça branca; “que maravilhoso surto não ia ter na America o homem branco, a expandir-se liberrimo na sua Canãa prodigiosa!” (LOBATO, 1979, p. 170).

Diante desse texto tão polêmico e problemático de Lobato, a pesquisadora Evanir Pavloski (2020, p. 22) tece a seguinte reflexão:

Se o autor defendia o eugenismo como alternativa possível para as questões nacionais, por que incluir discursos que problematizavam as próprias práticas eugênicas? Semelhantemente, por que expor tão claramente na narrativa as diferentes perspectivas que podem ser adotadas perante uma idealização social? Como associar a defesa do aperfeiçoamento genético no romance e a dicção ora trágica, ora judiciosa assumida pelas personagens? De que maneira(s) as ironias e os exageros podem influenciar a dimensão retórica do texto, tornando-a multifacetada?

Pode-se argumentar que atravessam o discurso ficcional pontos de vista contrastantes, reveladores de uma sociedade em conflito. No romance, essas perspectivas norteiam o discurso da idealização do progresso como agente civilizatório e ao fazê-lo demonstram o quanto esse discurso da civilização versus a barbárie, tão forte para o ideário republicano incipiente, carregava contradições e males de partida próprios de uma gênese etnocêntrica. Daí resulta a apropriação enviesada e malsã que Lobato faz de diferentes esferas da atividade humana, construindo homologias simplistas e tortuosas entre questões biológicas e sociais.

Breves palavras a modo de conclusão

A meio caminho entre a herança de H. G. Wells e a de Jonathan Swift, Lobato constrói um romance que, avaliado com as lentes contemporâneas, provoca perplexidade no leitor desavisado. Não é de estranhar, afinal, a narrativa de *O presidente negro*, como se pôde demonstrar, apresenta valores relativos a um pensamento altamente condenável. Por mais que a leitura deva evitar o anacronismo diante de uma obra quase centenária e, portanto, embebida em postulados capciosos, é fato que reconhecemos nela marcas autorais de Lobato e de seu tempo que àquela altura já encontravam, felizmente, adversários no campo das ideias. Essa parece ter sido a impressão do editor estadunidense que negou a publicação do romance nos EUA “os negros são cidadãos americanos, parte integrante da vida nacional”, e a obra transmitia a violenta ideia de “seu extermínio por meio da sabedoria e habilidade da raça branca” (apud VEIGA, 2020).

É sintomático ainda que a obra, em sua fabulação do porvir, projete na história dos EUA, por quem Lobato nutria admiração, uma sociedade que chegaria a ter um presidente negro, claramente colocando ênfase no ineditismo dessa possibilidade, quando no Brasil já havíamos tido nosso próprio representante na figura do presidente Nilo Peçanha, um século antes de Barak Obama. Lobato parece não enxergar a relevância desse feito num país que, ao contrário do gigante norte-americano, possuía maioria negra e, por conseguinte, um passado escravocrata ainda mais flagrante. É singular também considerar o fato de que Peçanha, embora negro e filho de um padeiro, ao conquistar o poder tenha se alinhado às forças elitistas e conservadoras, endossando a noção de que a opressão e

as forças de exploração formam parte de um amplo sistema patriarcal capaz de cooptar aqueles que não foram capazes de se conscientizar sobre sua origem.

Convém destacar que o presente artigo trouxe para a reflexão vozes divergentes, de forma a examinar o romance sob óticas distintas e, com isso, potencializar o escopo interpretativo. Tendo em vista tais posições, entende-se que *O presidente negro* provoca dissensões no campo da crítica e abre caminho para algumas ponderações necessárias. Não se pode negar que as personagens e o enredo possuem uma tendência fortemente preconceituosa na abordagem das questões raciais e que o texto apresenta pouco espaço para contradiscursos. Tal constatação não deve levar ao sacrifício do texto e da figura do autor, posto que, conforme exposto, sua produção e seu pensamento não se resumem a esse romance e às enunciações nele desenvolvidas.

Desse modo, conclui-se que relegar a obra e seu autor ao silêncio pode levar à perpetuação de apagamentos e à ocultação do passado. O texto, entendido pela ótica documental, é um arquivo, sendo assim, carrega as cicatrizes de seu tempo, as ranhuras que as ideias lhe imprimiram. Em contrapartida, pelo viés ficcional, é um território em aberto, em constante diálogo, nem sempre amistoso, como é o caso, com seus intérpretes. Cabe ao leitor, vacinado contra a “alucinação entusiasmada” de que fala Sergio Milliet no seu enfrentamento à obra de Lobato (apud SANTIAGO, 2006, p. 274), avaliar o texto e seu contexto com criticidade, atento às pistas históricas e ideológicas, para além dos elementos intrínsecos à matéria ficcional.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Carmem Lucia; CAMARGOS, Marcia M. de Rezende; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Senac, 1997.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. O polemista do conto. In: LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. Rio de Janeiro: Globo, 2008, p. 10-14.
- DIAS, Maicon Alves. *Das utopias e distopias: uma leitura de O presidente negro de Monteiro Lobato*. 2010. 86 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Vida Social) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/94047>. Acesso em: 02 nov. 2015.
- GOMES, Laurentino. *Escravidão*. Vol. I. Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

- GONÇALVES, Marcos Augusto. *1922: a semana que não terminou*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2006.
- LEAL, Rhaiane das Graças Mendonça. *Nacionalismo militante: uma análise de correspondência de Monteiro Lobato e Arthur Neiva (1918-1942)*. 2020. 191 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.
- LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. 6.^a ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970.
- LOBATO, Monteiro. *O presidente negro*. 13a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. Rio de Janeiro: Globo, 2008.
- MOURA, Clovis. *As raízes do protesto negro*. São Paulo: Global Editora, 1983.
- PAVLOSKI, Evanir. Apresentação. In: LOBATO, Monteiro. *O Presidente Negro*. Chapecó: Ed. UFFS, 2020, p. 5-23.
- PORCIÚNCULA, Rafael Fúculo. *As ideias raciais na obra de Monteiro Lobato: ficção e não ficção*. 2014. 199 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2014. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/ri/2668/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o_-_Rafael_F%C3%BAculo_Porci%C3%BAncula.pdf. Acesso em: 16 jul. 2022.
- SANTIAGO, Silviano. Monteiro Lobato hoje: ponto e vírgula. In: SANTIAGO, Silviano. *Ora (direis) puxar conversa!* Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto*. Triste Visionário. São Paulos, Companhia das Letras, 2017.
- VALLE, Gerson. Literatura lobatiana expressa o “falar gostoso” do povo brasileiro. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos - IHU*, São Leopoldo, ano 8, v. 284, dez. 2008. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2371-gerson-valle>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- VEIGA, Edison. A frustrada tentativa de Monteiro Lobato em ganhar mercado nos EUA com livro considerado racista. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Ilustrada, 2 jul. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/07/a-frustrada-tentativa-de-monteiro-lobato-em-ganhar-mercado-nos-eua-com-livro-considerado-racista.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa. Acesso em: 25 jul. 2022.